

## ENVELHECIMENTO EM TEMPOS DE PANDEMIA: UM OLHAR TEOLÓGICO

*Cristiano Nascimento Barreto<sup>1</sup>  
Jairo de Jesus Menezes<sup>2</sup>*

**Resumo** : O presente artigo tem o objetivo de nos ajudar a observar como a Teologia encara a questão do envelhecimento em tempos de pandemia. A partir de conceitos no que se refere a palavra cuidado, o seu significado, como o ser humano se compromete em agir em relação a si mesmo, ao outro, com a realidade e com o Transcendente. Outro aspecto que veremos neste artigo é a relação entre a saúde e a doença no processo do envelhecimento. Neste caso entraremos na dimensão entre o “eu” e o “outro”, a questão corpórea e a relação que damos sobre o juízo entre o viver e o morrer, qual sentido dou para a vida e o reconhecimento de pertencer ao Mistério. Por fim, vamos analisar a família, lugar primordial que nos ajuda a olhar: como o caráter de desenvolvimento no que se refere, durante e pós pandemia, aos valores e no aprendizado relacionar-se.

**Palavras-chaves:** cuidado, significado, velhice, finitude, família

### 1.Introdução

O presente texto constitui parte do enquadramento dos eixos temáticos pela SEMOC de 2020 que nos apresenta o envelhecimento sob a ótica da

---

<sup>1</sup> Graduado Recursos Humano ( Ucsal ), Graduando em Teologia. E-mail: Cristiano-cnb@hotmail.com

<sup>2</sup> Doutor em Família na Sociedade Contemporânea (Ucsal), Professor. E-mail: jairo.menezes@pro.ucs.br

família, saúde e qualidade de vida. Tendo um olhar da Teologia que nos ajuda a refletir o desenvolvimento no que se refere a humanização do ser humano, isto implica a entender e praticar o sentido do cuidado.

Outro aspecto é o sentido que damos a vida, o que é a morte e quais os comportamentos que estamos a vivenciar, sobretudo, diante da pandemia e como a Teologia encara esse olhar diante de situações como esta, como o cristão encara as enfermidades, seja com resignação ou depositando sua confiança no Senhor, pois a doença ou pandemia inevitavelmente conduz à morte ou a cura do indivíduo.

Neste sentido a família tem uma responsabilidade grande em relação ao cuidado, acolhimento com os idosos, pois como são mais vulneráveis precisam de atenção especial sobretudo diante da pandemia. E aprender com sabedoria a cada dia na vida, assim segundo CORTELLETTI/BRUSTOLIN “ enfim, envelheça, a cada dia com mais sabedoria. Conviva sempre melhor consigo mesmo e sinta a presença de Deus que habita em sua vida. O caminho espiritual é concreto” (CORTELLETTI / BRUSTOLIN, 2013 p.198). Enfim o presente artigo quer nos fazer refletir como envelhecemos com qualidade no viver consigo, com o outro e com Deus.

## **2. Resignificar a palavra cuidado em todos os tempos inclusive na velhice**

Hoje mais do que nunca, na contemporaneidade, vivemos num turbilhão de ideias, pensamentos, informações, comunicações e até mesmo de notícias falsas que é denominadas de *fake News*. Quando se refere a um trabalho científico, o nosso objetivo é bem claro, desenvolver, com o auxílio do método e os objetivos específicos, um maior esclarecimento do tema em questão. Neste caso, o nosso intento, neste primeiro momento, é saber o que significa a palavra cuidado e o seu proceder na sociedade como todo, pois mesmo que muitas das vezes, parece ser obvio o que seja o entendimento sobre o cuidado, em sua grande maioria, essa ação se torna um obstáculo na convivência social, neste tempo atual, isto é, no momento contemporâneo em

que vivemos onde o cuidado é tão essencial, mas pelo distanciamento social, torna-se também, no exercício, confrontado a enormes limites..

Boff afirma que, ao olharmos os filósofos, eles nos advertem que “as palavras estão grávidas de significado existenciais. Nelas os seres humanos acumularam infindáveis experiências, positivas e negativas, experiências de busca, de encontro, de certeza, de perplexidade e de mergulho no ser.” (BOFF, 2017,p.101-102) Mas buscaremos o lado positivo do que essa palavra nos leva a entender e a experimentar no cotidiano da vida humana, não que a experiência negativa não deve ser valorizada, porém, neste primeiro momento ela não nos cabe apreciação.

A experiência que faremos aqui não é só pensar sobre o que seja o cuidado, mas saber e vivenciar a mesma palavra dentro do contexto em que nos encontramos, que é a realidade da pandemia e o que será ela no pós pandemia. Vale a pena trazemos o significado dessa palavra e comparar com o nosso agir no dia-a-dia no qual nos encontramos:

Segundo clássicos dicionários de filologia, alguns estudiosos derivam cuidado do latim cura. Essa palavra é um sinônimo erudito de cuidado, usada na tradução de ser e tempo de Martin Heidegger. Em sua forma mais antiga, cura em latim, se escrevia coera e era usada num contexto de relações de amor e amizade. Expressava a atitude de cuidado, de desvelo, de preocupação e de inquietação pela pessoa amada ou por um objeto de estimação. Outros derivam cuidado de cogitare-cogitatus e de sua coeruptela coyedar,coidar. Cuidar. O sentido de cogitare-cogitatus é o mesmo de cura: cogitar, pensar, colocar atenção, mostrar interesse, revelar uma atitude de desvelo e de preocupação...cuidado significa então desvelo, solicitude, diligencia, zelo, atenção, bom trato. (BOFF, 2017, p. 102-103)

Tendo de antemão a definição sobre o cuidado, faremos agora a seguinte pergunta: o que isso implica na velhice? Mas podemos acrescentar essa pergunta á outras: o que significa os devidos cuidados higiênicos diante da pandemia? O que significa o cuidado ao usar máscara? O que significa ficar em casa (quarentena)? Diante dessas perguntas, só daremos significação

contundente se nós estivemos comprometidos com a vida, isso implica seriedade, responsabilidade, valores e sobretudo a nossa humanização.

Para entendemos o que foi dito no quesito anterior, antes mesmo de chegarmos no olhar teológico, é preciso ainda trazer outro elemento importantíssimo:

Mesmo que o cuidar seja uma experiência essencial e apesar do amplo uso do termo cuidado, falta ainda, sobre este, um conhecimento adequadamente rigoroso e claro. De fato, as experiências ontológicas fundamentais, aquelas que compõem o tecido do cotidiano, são as coisas mais óbvias e, exatamente por isso, estamos longe de já ter desenvolvido uma teoria interpretativa delas capaz de enunciar o seu significado originário. Daí a necessidade de se traçar uma analítica do cuidado. (MORTARI, 2018,p.10)

O cuidado, do ponto de vista teológico, encontra nas Sagradas Escrituras uma base sólida, vemos portanto como ele é imprescindível nas relações humanas. A Palavra de Deus, no Antigo Testamento, diz o seguinte: “Filho, cuida de teu pai na velhice, não o desgostes em vida. Mesmo se a sua inteligência faltar, sê indulgente com ele, não lhe faltes com o respeito, tu que estás em pleno vigor, pois a caridade feita a um pai não será esquecida, e no lugar dos teus pecados ela valerá como reparação, no dia de tua provação, Deus lembrar-se-á de ti...”(Eclesiástico, 3,12-15 )

Ao tomar como referência a palavra de Deus sobre o cuidado aos pais, a mesma alerta acerca do dever do Transcendente sobre o povo de Israel na relação do cuidado com os pais e que chegara a nós pela vinda de Jesus Cristo, sinal revelador do Emanuel, o Deus conosco, que viu, sentiu compaixão e cuidou do ser humano, se assim pensamos, na sua totalidade, ou seja, na sua integralidade nas relações sociais uns com os outros, consigo mesmo e com Deus. E esses ensinamentos de Jesus Cristo perpassam na sua Igreja e chegam até nós por meio de pessoas que tiveram o encontro com Cristo, sendo presença daqueles que aderem sua palavra no corpo místico que é a Igreja , neste encontro também entra o maravilhamento do que foi

encontrado e experimenta na concretude da vida, mesmo com suas falhas ou erros, o encontro determinante com a realidade divina no meio do humano, na ação do cuidado entre nós.

Sem esquecer atualmente que o Papa Francisco fala também do cuidado da casa comum, isto é, do nosso planeta, de nossas casas como sinal da importância que damos no nosso lar:

Não quero prosseguir esta encíclica sem invocar um modelo belo e motivador. Tomei o seu nome por guia e inspiração, no momento da minha eleição para Bispo de Roma. Acho que Francisco é o exemplo por excelência do cuidado pelo que é frágil e por uma ecologia integral, vivida com alegria e autenticidade. É o santo padroeiro de todos os que estudam e trabalham no campo da ecologia, amado também por muitos que não são cristãos. Manifestou uma atenção particular pela criação de Deus e pelos mais pobres e abandonados. Amava e era amado pela sua alegria, a sua dedicação generosa, o seu coração universal. Era um místico e um peregrino que vivia com simplicidade e numa maravilhosa harmonia com Deus, com os outros, com a natureza e consigo mesmo. Nele se nota até que ponto são inseparáveis a preocupação pela natureza, a justiça para com os pobres, o empenhamento na sociedade e a paz interior. (PAPA FRANCISCO, 2015, P.10)

Diante do que vimos, o cuidado também se estende no nosso planeta, pois a cada realidade da vida, somos chamados a cuidar, a zelar por todas as coisas que nos rodeia. Nisto São Francisco, no seu tempo, é um modelo que nos ajuda a encarar com praticidade esse cuidado com a natureza, com o outro, consigo e com Deus, visto que ele, o santo de Assis, soube valorizar tudo com familiaridade, considerando a natureza, a vida, as pessoas e até a morte como irmãs.

### **3. O cuidado entre o “nós e o Tu” na velhice: o idoso e a perspectiva de finitude**

Tendo em vista o que foi dito anteriormente, veremos agora, no primeiro momento, uma análise do sentido do “eu e nós” e do “nós com o Tu” que será da relação com Deus em Jesus Cristo, principalmente, na fase da vida na velhice. O tema a partir do qual refletimos no tempo tal preocupante, que é diante da pandemia, que nos traz: medo, tédio, solidão, angústia, desespero, choro, dificuldades e lamentações, como também alegrias, esperanças, felicidade, gratidão. Segundo a *Gaudium et spes*:

As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo; e não há realidade alguma verdadeiramente humana que não encontre eco no seu coração. Porque a sua comunidade é formada por homens, que, reunidos em Cristo, são guiados pelo Espírito Santo na sua peregrinação em demanda do reino do Pai, e receberam a mensagem da salvação para a comunicar a todos. Por este motivo, a Igreja sente-se real e intimamente ligada ao género humano e à sua história. (*GAUDIUM ET SPES*, 2007, p. 1)

A primeira coisa que precisamos não desprezar em nosso ser é a nossa humanidade, pois ela é condição primordial da relação com o infinito, porque temos no nosso ser um desejo pelo infinito, temos dentro de nós exigências que nos remete a querer vivenciar no dia a dia, sejam elas exigências de justiça, verdade, amor e de felicidade. Desejamos sobretudo o querer dar sentido a nossa vida: quem sou eu? O que vim fazer aqui neste mundo? O que será depois de morrer? Vale a pena viver se um dia vou morrer? Quem não se deparou com tais questionamentos e procura dar razão do que seja a vida? E dando razão e juízo em saber cuidar dela. Como também nos é dito por São João Paulo II:

Aliás, basta um simples olhar pela história antiga para ver com toda a clareza como surgiram simultaneamente, em diversas partes da terra animadas por culturas diferentes, as questões fundamentais que caracterizam o percurso da existência humana: *Quem sou eu? Onde venho e para onde vou? Porque existe o mal? O que é que existirá depois desta vida?* Estas perguntas

encontram-se nos escritos sagrados de Israel, mas aparecem também nos Vedas e no Avestá; achamo-las tanto nos escritos de Confúcio e Lao-Tze, como na pregação de Tirtankara e de Buda; e assomam ainda quer nos poemas de Homero e nas tragédias de Eurípidés e Sófocles, quer nos tratados filosóficos de Platão e Aristóteles. São questões que têm a sua fonte comum naquela exigência de sentido que, desde sempre, urge no coração do homem: da resposta a tais perguntas depende efectivamente a orientação que se imprime à existência ( FIDES ET RATIO. 1998, P. 1)

O ser humano, ao levar a sério esses questionamentos, dá-se conta de que a vida é um dom, isto é, foi-lhe concedida por um Outro; ele não a detém, alguém o quis, desejou. Isso nos remete aos pais que nos fizeram, porém, implica ainda algo em mais além: o Mistério. Mesmo que meus pais tenham me feito, há, de fato, um Mistério, visto que, diante de tantos espermatozoides, um deles foi tornou-se um novo ser que entrou naquela determinada família. Sendo assim, alguém o quis, logo Deus o fez, para quê? Para poder reconhecer que a vida vem de Deus sobre nós.

Entramos na vida e sabemos que somos seres dependentes, que precisam de cuidados e que crescemos, desenvolvemos, produzimos e chegamos a velhice e no fim dela, isto é, no fim da vida. Neste percurso de vida devemos cuidar de nossa corporeidade, assim, “nas ciências contemporânea prefere-se falar de corporeidade para expressar o ser humano como um todo vivo e orgânico. Fala-se de homem-corpo, homem-alma para designar dimensões totais do humano”.( BOFF, 2017,p.167). Isso é importante, pois o ser humano é chamado a cuidar de sua saúde e também, quando está doente, a superar suas fragilidades físicas.

Quantas pessoas na sua velhice diante da pandemia não se preocupam consigo mesmo e com o outro. Quantas têm a ideia do porque já chegaram nesta fase de vida e que ,pensa logo, se estou no fim dela não me cuidarei e viverei sem me importar com as consequências que ela pode causar, pois já estou sem perspectiva nenhuma, já que estou para morrer mesmo. Segundo Ivonne A.Cortelletti / Leomar Antonio Brustolin:

(...) ver a força da vida que vence a morte, a velhice torna-se difícil e problemática quando se mascara a

consciência do fim. Quem entende que estamos num exílio, longe da pátria definitiva, vê que essa passagem é temporária, haja vista que se caminha rumo à casa do pai. Assim, a morte se trona terrível somente para quem não crê na continuidade do amor os cristãos, nesse sentido, não desejam morrer, mas sabem que, ao se aproximarem do fim, estão prestes a se encontrar com a fonte da vida: Deus. (CORTELLETTI/BRUSTOLIN,2013,p.195)

Diante desse pensamento é preciso valorizar aqui que vimos no tópico anterior sobre o saber conhecer na vida prática a problemática do cuidado. Desde que viemos no mundo o cuidado é indispensável na vida humana, principalmente no que se refere ao nosso corpo e alma. O Catecismo da Igreja Católica nos diz que:

A vida e a saúde física são bens preciosos, confiados por Deus. Temos a obrigação de cuidar razoavelmente desses dons, tendo em conta as necessidades alheias e o bem comum. O *cuidado da saúde* dos cidadãos requer a ajuda da sociedade para se conseguirem condições de vida que permitam crescer e atingir a maturidade: alimentação e vestuário, casa, cuidados de saúde, ensino básico, emprego, assistência social. (CIC, 2017, P. 2288)

No entanto, ao se falar dos cuidados que devemos ter na própria vida é necessário também dizer: pode vir a pandemia, a terceira guerra mundial, tufão, terremoto, maremoto, todas as pragas, pode vir o que for; todo tipo de circunstâncias negativas que ocorrerem, se não houver o encontro verdadeiro com Cristo, não podemos mudar de vida, de atitude, de conhecer a si mesmo e sobre o cuidado que devemos ter uns pelos outros. Não podemos voltar a fazer as coisas de antes e nem fazê-las como antes. Isto implica atitudes que nos fazem pensar como agirmos conosco, com os outros e as coisas e sobretudo com Deus.

Seja óbvio ou não, o cuidado do corpo e da alma no período pandêmico é importantíssimo, principalmente na velhice, onde se há mais vulnerabilidade seja na redução da capacidade de limpeza do sistema respiratório, redução da eficiência das trocas gasosas, redução da força dos

músculos respiratórios e redução da resposta imune, seja também, no nível espiritual, na dimensão da falta de esperança, caridade, responsabilidade, no esfriamento do amor, na falta de empatia com o outro, na falta de paciência.

Outro ponto que podemos observar no cuidado, principalmente na velhice, em relação ao nosso corpo, é a prática de uma alimentação balanceada, de atividades físicas e exercícios, exercitar a criatividade, ter momentos de lazer e novas experiências. No entanto, certas atividades ditas neste parágrafo nos fazem pensar que, diante da pandemia, todas essas estruturas foram modificadas por causa do isolamento social, o distanciamento social e a quarentena para nos manter livres de todo contágio do vírus. Essas realidades demonstram que “ o isolamento social é uma forma de permanecer em casa tomando alguns cuidados que diminuam o risco de contaminação de infecções respiratórias, como a provocada pelo coronavírus.” (Cartilha Lab Educa60, 2020,p.12). As mesmas mudaram o comportamento dos indivíduos, pois são obrigados, por medida de segurança, a terem certos cuidados que antes não pensávamos em ter.

Porém esses cuidados também tem suas consequências: de um lado podemos nos proteger do contágio, do outro, nos tem deixado sozinhos (isolados), livres de aglomerações, no entanto, podemos adquirir outros pormenores, ou seja, podemos adquirir carência de atenção, de contatos físicos, de abraço, aperto de mão, de beijos, ou desenvolver medo, desconfiança para com o outro, pensamento em si próprio e sobretudo a questão econômica e da saúde que pode entrar no colapso em nossas vidas. Diante de tudo isso, no nível corpóreo, como nos manter equilibrados, se nós poderíamos estar antes da pandemia diante de uma bolha que nos protegia, mas que diante dela foi nos tirada; essa bolha que era nossa “ proteção de vida”? Sobretudo de não saber lidar com essa nova realidade de vida que nos rodeia e que está nas mídias todo dia nos alertando dos perigos que estão entre nós.

Na velhice, onde a fragilidade é maior, na qual aparece sobretudo as mazelas do nosso corpo, sejam dores, dificuldades em poder se locomover, seja a mudança de humor que se adquiri nesta fase de vida, sobretudo o mau

humor, a rispidez ou atitudes adversas que podem ter para com outro: desobediência, falta de atenção, ignorância. Diante dessa realidade é importante conferir o que Leonardo Boff nos diz entre a saúde e a doença: “quem é são pode ficar doente. A doença significa um dano á totalidade da existência. Não é o joelho que dói. Sou eu, em minha totalidade existencial, que sofro.” (BOFF, 2017,p. 168). Quanta clareza em nos ajudar a perceber dois detalhes na vida: a saúde nos leva a entender que um dia ficaremos doentes e a dor que sentíamos não é da doença em si, mas do meu eu. Meu ser é um ser de finitude, de fragilidade que experimenta os limites da vida mortal.

Além disso, declara Cortelletti / Brustolin: “ ora, o envelhecimento inclui problemas biológicos e psicológicos que produzem crises existenciais. Para superar o conflito, o idoso não pode deixar de refletir sobre sua origem, sua historia e a meta de sua vida.” (CORTELLETTI/BRUSTOLIN, 2013 p.182) Isto nos leva a perceber o quanto a atitude de refletir a nossa condição de vida é o caminho que nos ajudará a encarar o envelhecimento com total liberdade, com a postura serena, sem deixar de nos conduzir para a certeza que vem antes do que se possa imaginar. Aqui entendemos também que não é deixando de encarar sua frágil condição humana e a realidade através das distrações da vida que conseguimos superar esses conflitos que sempre teremos, mas para podemos ser religiosos é necessário, como nos dizia Giussani, compreender “qual é a formula do itinerário rumo ao significado último da realidade? (...) viver o real, a única condição para sermos sempre e verdadeiramente religiosos é vivermos intensamente o real sem renegar, sem esquecer nada” (GIUSSANI,2000,p.153-154).

Diante do que foi tratado, percebe-se que o envelhecimento do nosso ser tem um objetivo claro: nascemos rumo a meta de nosso destino que é o Mistério, que nos fez e nos faz a cada instante, quando de fato, enfim, abrimos o nosso ser para ele, caso contrário, o que prevalece são os nossos esquemas, isto é, nosso preconceito, nosso niilismo, nosso ateísmo, nosso egoísmo. Sendo assim, estamos diante de escolhas entre o “sim” ou o “ não” aquilo que Jesus diz no evangelho de Mateus: “ seja o vosso ‘ sim’, sim, e o vosso ‘ não ‘, não. O que passa disso vem do Maligno.” Mt,5,37

#### 4. O cuidado durante e pós pandemia na velhice em família

O Papa Francisco, recentemente, chama atenção dos governantes e da sociedade sobre o durante e o pós pandemia: “a preparação para o depois, é importante, ele nos coloca o que é importante após a pandemia como modalidade que se deve trabalhar: a fome, trabalho precário, violência, o aparecimento de usuários, e o futuro econômico.” (PAPA FRANCISCO,2020,p. 27) realidades que se percebe claramente na sociedade. Contudo, existe um outro elemento importante que não é dito, mas que faz parte desses conjuntos de coisas da sociedade no nível interior, que é o envelhecimento e a família. Percebe-se que muitas famílias durante, e quem sabe, após pandemia, já se encontravam psicologicamente com sequelas doentes; já experimentavam a solidão, o esquecimento, a falta de interesse e a pandemia só fez evidenciar essa situação.

O salmo 71/70,9 já nos remete nesta realidade: “ não me rejeites no tempo da velhice, não me abandones quando meu vigor se extingue!”. Quantas famílias já viviam essa realidade antes da pandemia? Acredita-se que muitas famílias ainda tem essa concepção de deixar seus familiares aos cuidados dos asilos, não dando assistência, usando a justificativa do trabalho ou do entretenimento pessoal, mas na realidade, às vezes agem assim porque querem se livrar de preocupações.

O Papa Francisco nos chama atenção em nossa prática de convivência. Entendendo o sentido na família. no aspecto dos idosos, ele destaca que:

Isto interpela as famílias e as comunidades, porque «a Igreja não pode nem quer conformar-se com uma mentalidade de impaciência, e muito menos de indiferença e desprezo, em relação à velhice. Devemos despertar o sentido colectivo de gratidão, apreço, hospitalidade, que faça o idoso sentir-se parte viva da

sua comunidade. Os idosos são homens e mulheres, pais e mães que, antes de nós, percorreram o nosso próprio caminho, estiveram na nossa mesma casa, combateram a nossa mesma batalha diária por uma vida digna. Por isso, como gostaria duma Igreja que desafia a cultura do descarte com a alegria transbordante dum novo abraço entre jovens e idosos! (PAPA FRANCISCO,2016,pag. 118 )

O que se destaca, neste momento, são a hospitalidade, o cuidado e a paciência que devem lapidar o nosso ser cada dia diante em Cristo para nos motivar a sermos sempre mais pessoas humanizadas em família. Hoje a cultura que predomina na nossa sociedade é, segundo o Papa Francisco:

O risco que nos atinge o vírus de hoje na pandemia que é a indiferença egoísta. Que transmite-se a partir da ideia que a ovida melhora se vai melhor para mim, que tudo correrá bem se correr bem para mim. Começando daqui, chega-se a selecionar as pessoas, a descartar os pobres, a imolar no altar do progresso quem fica para trás. Esta pandemia, porém, lembra-nos que não há diferenças nem fronteiras entre aqueles que sofrem. (PAPA FRNCISCO,2020,p.54)

Somos convidados a olhar a família e os seus valores a partir de um olhar aos idosos, que muitas vezes nos auxiliam na educação dos filhos, de fazer memórias dos acontecimentos e épocas passadas; eles, que são experientes na vida por terem vivido mais experiências do que os jovens e adultos. Claro que não podemos desvalorizar os erros que os idosos cometeram na vida, pois somos sujeitos a errar também. Outro dado importante que é mencionado pelo Papa Francisco é a memória histórica que ela produz e que deve ser cultivada em geração a geração. Muito vezes, a mentalidade contemporânea rejeita achar ultrapassado as ideias ditas dos mais antigos. No entanto, a memória dos acontecimentos passados, ou ideias passadas nos ajuda a fazer e construir um futuro que tenha sentido. Para isso a valorização dos idosos na vida presente deve ser assegurada em nossas

vidas, pois temos a tendência de rejeitar, de ser indiferentes dessa realidade passada tal rica no nosso presente e que nos guia para o futuro.

Na família os filhos têm um papel importantíssimo com os seus pais e os seus avós na velhice. São chamados a cuidar deles em vários aspectos da vida, seja na atenção, no diálogo, no respeito, enquanto puderem, devem dar-lhes ajuda material e moral nos anos da velhice e durante o tempo da doença, de solidão ou de angústia, ser gratos pela educação doméstica e religiosa que se aprende na família. Pensemos nas palavras do Papa Francisco: “ Uma família que não respeita nem cuida dos seus avós, que são a sua memória viva, é uma família desintegrada; mas uma família que recorda é uma família com futuro. “ (PAPA FRANCISCO, 2016,p.120)

Já os pais também têm seus cuidados para que se desenvolva uma cultura de harmonia dentro das famílias cristãs e, como consequência, no meio social entre outros, aqui podemos mencionar a educação dos seus filhos, pois os esposos não só se traduzem na fecundidade de procriar, mas sobretudo de educar seja nas virtudes, na criação do lar, na dimensão religiosa, promovendo nos filhos em responder suas necessidades físicas e espirituais, na liberdade das escolhas, inclusive na profissão a seguir.

Hoje alguns valores são fundamentais na família, inclusive com os idosos. Pensemos em alguns que serão de grande valia no cotidiano dos lares: o nosso amor no quotidiano, aquela dimensão do doar-se incondicionalmente ao outro sem exigir nada em troca, mas ser livre em estar com o outro, no caso, com os idosos. Paciência será a chave das relações humanas, pois exige, sobretudo do eu em relação ao outro, que é um mistério de vida nas nossas vidas, atitudes de serviço que implicam em estar de prontidão para o que for preciso e na ajuda do que se sente necessidade de ser feito. Saber perdoar, hoje mais do que nunca, é a dimensão das curas dos erros que a vida nos ensina a ter em relação ao outro. Hoje também é preciso saber esperar, porque somos uma sociedade imediatista, ou seja, quero algo já, porém nas relações não se estabelece essa ideia do imediatismo, mas de suportar tudo com o olhar de bem da realidade, tendo presente a certeza que tudo isso só vai

ter sentido se permitir-mos Deus entrar em nossas vidas, fazer parte de nossa caminhada, dando o suporte para nós com a sua Graça.

Hoje na contemporaneidade, se as famílias cristãs/católicas não vão bem é porque falta o entendimento em aprender de Jesus como lidamos com a dimensão do amor e do cuidado. São Paulo em suas cartas nos adverte em 1 Coríntios 13,1-13 que se tivesse tudo de bom, mas não tivesse a caridade de nada adiantaria, pois a caridade é paciente, prestativa, não é invejosa, não se ostenta, não se incha de orgulho... ou pensamos também a questão do amor no evangelho de São Mateus, no qual Jesus mesmo desafia a cada um de nós a verificar o que de fato compreendemos na prática sobre amar a Ele para assim amamos o outro; “aquele que ama pai ou mãe mais do que a mim não é digno de mim. E aquele que ama filho ou filha mais do que a mim não é digno de mim” (Mt 10,37). Só entenderemos a relação de amor entre as pessoas se tivermos essa relação de amor por Jesus, pois só amando a Jesus que conseguiremos pela sua Graça a amar o outro.

Pensamos que, para o envelhecimento do nosso eu, diante da pandemia, é para nos despertar do torpor que cada um de nós nos encontramos em nossas famílias, porque podemos estar acordados, mas dormindo ou anestesiados sem sentir nada na própria vida, porém a realidade nos provoca dia após dia para podermos reconhecer, diante dos fatos, as interpretações que podem nos levar para o mistério, assim como fez em Saulo que diante do encontro com Cristo no caminho de Damasco, muda de vida, passa a ser chamado de Saulo para Paulo. As atitudes de Paulo estão descritas em dois anúncios: “já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim. Minha vida presente na carne vivo-a pela fé no Filho de Deus, que me amou e se entregou a si mesmo por mim.” (Gl, 2,20) ou em outra passagem na Bíblia que o mesmo Paulo diz “tende em vós o mesmo sentimento de Cristo Jesus” (Fl, 2,5).

## 5. Considerações finais

Ao chegar no fim desse percurso, consideremos que as ideias, as pesquisas, os questionamentos são de grande envergadura para olhar os idosos como atenção, com carinho e sobretudo com cuidado. Todos seremos idosos um dia, por isso é necessário compreender que o olhar para com o idoso deve ser plural, interdisciplinar. Nesse artigo partimos de uma percepção teológica, mas que valoriza as outras instâncias de conhecimento, seja filosófica, linguística ou até mesmo psicológica ou sociológica.

No caminho que foi feito, descobrimos o quanto a palavra cuidado, na velhice, deve ter um destaque na vida em nossas relações, e que até Deus nos adverte ao cuidado aos nossos pais e que na pessoa de Jesus encontramos o exemplo de como devemos nos lançar em ver, sentir, ter compaixão e cuidar das pessoas.

É necessário fazermos uma verificação acerca do nosso ser, principalmente, em sermos sinceros consigo mesmos, conhecendo a nossa humanidade que é sentido, que é razão, mas que perpassa por esse desejo infinito que carregamos em nosso ser. Como nos diz Santo Agostinho “(...) fizeste-nos para ti, e inquieto está o nosso coração, enquanto não repousa em ti” (SANTO AGOSTINHO, 1984, p.15) É reconhecer que somos também seres frágeis, vulneráveis, que podemos errar.

Por fim, a família é a originalidade que desperta em nós o envelhecer bem com consciência de que os valores que ela nos transmite; nos ajuda a criar harmonia nas relações, no entanto, essa capacidade de vivermos com amor só será possível nesta experiência com o transcendente, que nos dá sua Graça a cada dia para superarmos a nós mesmos.

Diante disso, deixemos um questionamento que a sociedade moderna nos provoca a pensar: se Deus foi deixado de lado para vivermos nossa vida sem Ele, ou seja, Deus pode até existir, mas não faz parte de minha vida, do que escolho, do que faço e a vida social vive num dilema de tantos acontecimentos que nos perturbam, inclusive a pandemia, fazendo emergir

então um questionamento “mas quando o Filho do homem voltar, encontrará a fé sobre a terra?” ( Lc 18,8). Segundo Savorona ( 2017) “que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro, se perder a sua vida? Ou o que poderá dar ao homem em troca da sua vida? ( Mt 16,26). Não há pergunta que mais me tenha impressionado, que mais me tenha cortado a respiração, como esta de Cristo! Só Cristo leva totalmente a sério a minha humanidade.” (SAVORANA,2017,p.2)

Portanto, diante do que vimos, somos desafiados pela nossa liberdade a fazemos escolhas: abrir-se ao Misterio ou a recusá-lo, receber a Graça ou não recebê-la. Isso perpassa em analisar também a relação com o outro, inclusive os idosos, que diante desta pandemia do Covid-19 têm enfrentado varias dificuldades relacionais em família. Por isso, o cuidado com o outro só terá sentido se reconhecemos, em Deus que cuida de nós e de nossa vida, a importância de viver bem todas as fases da existência humana.

### **Referencias**

**BIBLIA DE JERUSALÉM.** Tradução Ivo Storniolo et al. 8. Ed. São Paulo. Paulus.2012

BOFF, Leonardo. **Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela terra.** Petrópolis- RJ. ed. Vozes, 2017.

Carta Enciclica Papa são João Paulo II, **Fides et Ratio**, São Paulo, ed.Paulinas, 1998.

Carta Enciclica Papa Francisco, **Laudato si, sobre o cuidado da casa comum**, São Paulo, ed. Paulus, 2015

**CATECISMO DA IGREJA CATOLICA.** São Paulo. ed. Loyola.2017

CONSTITUIÇÃO PASTORAL GAUDIUM ET SPES, **Documentos do concilio Vaticano Ecumênico II**, São Paulo, Paulinas, 2007.

CORTELLETTI,A.Ivonne;BRUSTOLIN,A.Leomar( orgs.). **saber viver: reflexões e dicas para envelhecer com qualidade.** São Paulo. ed.Paulus. 2013.

EXORTAÇÃO APOSTOLICA PÓS-SINODAL DO PAPA FRANCISCO, **Amoris Laetitia sobre o amor na família** . São Paulo. ed. Paulus. 2016.

FRANCISCO,Papa. **Vida após a pandemia.** Vaticano. ed. Libreria editrice vaticana. 2020

GIUSSANI,Luigi. **O senso religioso: primeiro volume do percurso.** Tradução de Paulo Afonso E. de Oliveira. Rio de Janeiro. Ed. Nova Fronteira, 2000.

MORTARI,Luigina. **Filosofia do cuidado.** São Paulo . ed.Paulus. 2018.

Santo Agostinho, **Confissões.** Tradução Maria Luiza Jardim Amarante, revisão cotejada de acordo com o texto latino por Antonio da Silveira Mendonça, São Paulo. ed.Paulus. 1984

SAVORANA, Alberto. **Luigi Giussani: a sua vida.** Tradução Sofia Costa e Silva. Coimbra .ed. Tenacitas. 2017.

[http://www5.each.usp.br/wp-content/uploads/2020/04/Cartilha\\_LabEduca60\\_EACH\\_USP](http://www5.each.usp.br/wp-content/uploads/2020/04/Cartilha_LabEduca60_EACH_USP). Acesso em 15/07/2020, as 10:40h.